

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosana Mary Lopes Soares

“INQUIETAÇÕES DE UMA PROFESSORA SOBRE O LUGAR DO
DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL”

Belo Horizonte

2019

Rosana Mary Lopes Soares

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens da Educação Infantil.

Orientador: Rogério Correia da Silva

Belo Horizonte

2019

S676 Soares, Rosana Mary Lopes, 1961-
TCC Inquietações de uma professora sobre o lugar do desenho na educação infantil [manuscrito] / Rosana Mary Lopes Soares. - Belo Horizonte, 2019.
38 f.: il.
Orientador: Rogério Correia da Silva .

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia.

1. Crianças na arte. 2. Artes e crianças. 3. Arte infantil. 4. Desenho infantil. 5. Desenho. 6. Criatividade. 7. Imaginação. 8. Educação infantil.
I. Silva, Rogério Correia da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD : 707

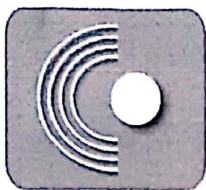
Catálogo na Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária† : Carmen Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica‡.)

*Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pela autora, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade da autora, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Inquietações de uma professora sobre o lugar do desenho da criança na Educação Infantil”, do(a) aluno(a) **Rosana Mary Lopes Soares**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Rogério Correia da Silva (orientador) e Rosvita Kolb Bernardes. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Rosana Mary Lopes Soares
Rosan Ma Lopes Soares

Registro na UFMG: 2018751721

Rogério Correia da Silva
Rogério Correia da Silva
Professor(a) Orientador(a)

Rosvita Kolb Bernardes
Rosvita Kolb Bernardes
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

“É preciso olhar toda a vida com os olhos das crianças”

(MATISSE, 1953, p.53)

RESUMO

Este trabalho se propõe apresentar e discutir sobre o lugar do desenho na educação infantil. O objeto da presente pesquisa surgiu da inquietação a respeito das práticas pedagógicas em torno do desenho da criança. Porém, no decorrer das intervenções propostas, a questão avançou para a busca de outros referenciais teórico-metodológicos em razão do processo investigativo que encaminhou o estudo sobre o desenho considerando o “processo” e não só o “produto”. A observação das produções gráficas foi realizada com um grupo de crianças na faixa etária de 5 anos da EMEI Professora Acidália Lott, na qual sou regente, o que possibilitou uma pesquisa participante. Paralelamente às observações busquei interpretar, criar hipóteses, ouvir e selecionar aspectos significativos para relacioná-los aos aportes teóricos com abordagens no campo da psicologia, da sociologia e da arte educação. As análises dos episódios, emergentes do processo de produção dos desenhos, desenvolvidas neste trabalho, seguem essa linha de raciocínio. Este estudo pretende contribuir para uma discussão dos professores sobre a educação do olhar e da escuta a partir dos desenhos das crianças e ampliar os referenciais de compreensão do desenho.

Palavras-chave: Desenho; imaginação; educação infantil

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
2.PERCURSO TEÓRICO.....	10
2.1-DESENHO – PRIMEIRAS DESCOBERTAS.....	10
2.2- O DESENHO E IMAGINAÇÃO.....	13
2.3- O DESENHO CULTIVADO.....	15
2.4 - DESENHO E CULTURA DE PARES.....	16
2.5- O DESENHO E O BRINCAR.....	17
4. ANALISE DAS OBSERVAÇÕES DURANTE O MOMENTO DOS DESENHOS.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. REFERÊNCIAS.....	38

1.INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa surgiu de uma inquietação acerca dos desenhos realizados pelas crianças da educação infantil, prática pedagógica bastante utilizada pelos professores, na maioria das vezes solicitada como mera atividade sem função ou objetivo específico.

Observa-se que o desenho não é valorizado e nem considerado como atividade importante para acompanhar o desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social da criança. Portanto, cabe ao professor repensar seus objetivos e práticas pedagógicas, além de despertar uma reflexão acerca dos desenhos propostos em sala de aula. Esta pesquisa se propõe a responder algumas questões: Quais as possibilidades de intervenção pedagógica nas atividades de desenho como expressão gráfica das crianças de 5 anos da EMEI Professora Acidália Lott? Como propor o desenho como uma atividade planejada e com objetivo específico? O professor poderá proporcionar ao aluno desenvolvimento do pensamento através do ato de desenhar no ensino aprendizagem na Educação Infantil?

O objetivo deste estudo vai além de propor alternativas de atividades que possibilitem outras formas de trabalhar o desenho da criança na educação infantil. Pretende oferecer aos educadores da EMEI Professora Acidália Lott, novas formas de compreensão da produção gráfica das crianças. Para tanto busca-se sustentação teórica sob a perspectiva sociocultural, Arte Educação e também empírica através observação de desenhos das crianças de 4/5 anos na EMEI Professora Acidália Lott.

Desde meu ingresso no universo da educação infantil, como professora, me interessei pelas atividades realizadas pelas crianças e os desenhos me encantam. A alegria com que elas mostram seus trabalhos à professora e aos colegas buscando uma palavra de incentivo revelam o quanto se orgulham de suas obras. A dedicação e concentração das crianças na produção de seus trabalhos gráficos merecem um olhar mais atento das professoras da educação infantil.

São dez anos de trabalho na Educação Infantil. Passei por várias EMEIs ,sempre me inquietei com a pouca importância dada aos desenhos e também às práticas relacionadas a arte. Observei que as práticas pedagógicas relacionadas a arte,

completamente descontextualizadas, ainda são comuns dentro das escolas. Não é feito um planejamento estruturado, entrelaçando ideias, objetivos e proposta metodológica quando se trata de arte. É mais comum vermos, como conteúdos a serem desenvolvidos, o extenso calendário de datas comemorativas, em especial no dia das mães, dia dos pais, festa junina e natal, tratados fervorosamente pelas escolas.

Percebo que continuamos a fazer planejamentos pautados em datas comemorativas, com o apelo comercial. Ainda buscamos propostas na internet de lembrancinhas, cartões, e outras atividades. Continuamos distribuindo folhas A4 com desenhos prontos para colorir, além de solicitarmos o desenho sem considerar esta atividade importante para acompanhar o desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social da criança.

Diante destas questões a oportunidade de fazer a especialização em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil me impulsionaram a buscar estudos sobre o desenho infantil e as possibilidades de intervenção, com o objetivo de desafiar as crianças a arriscar outras formas em suas produções expressivas.

Minha proposta inicial de pesquisa era responder algumas questões: Quais as possibilidades de intervenções pedagógicas relacionadas ao desenho? Como provocar as crianças para que ampliem seus repertórios imagéticos?

No decorrer da pesquisa, durante as intervenções realizadas, me deparei com um novo olhar sobre meu tema de investigação. Acredito que o fato de ter acompanhado atentamente a realização dos desenhos em sala de aula, por meio de observações e interação com as crianças, possibilitou-me “ver” e “compreender” que a minha inquietação sobre os desenhos ia além da fruição e análise do desenho pronto, acabado. O processo de produção do desenho e o modo como as crianças interagem entre si e com os desenhos me conduziram a uma nova linha de pesquisa.

Diante desta nova perspectiva, a Sociologia da Infância poderia me proporcionar algumas respostas ou mesmo validar minhas observações sobre a socialização e interação das crianças durante a atividade de desenhar na sala de aula. Nesta direção considero trazer a contribuição de Willian Corsaro, responsável, por realizar pesquisas no

campo da sociologia da infância que embasam a existência de uma cultura infantil, a qual ele denomina “cultura de pares”.

A busca por material bibliográfico para realização desta pesquisa não foi uma tarefa tranquila, diante do objetivo proposto por mim. Encontrei material bibliográfico sobre o desenho da criança com um enfoque maturacionista, que consideram o grafismo da criança através de etapas relacionadas às faixas etárias. As várias leituras contribuíram para que aos poucos meus estudos me apontassem o caminho na teoria histórico-cultural, especificamente Vygotsk, e também autores contemporâneos da Arte Educação em especial Rosa Lavalberg e da Sociologia Willian Corsaro.

Sempre me identifiquei com as conclusões fundamentais da teoria de Lev Vygotsk, o educador e psicólogo russo que esclareceu sobre a concepção social e histórica que aborda o desenvolvimento sócio cognitivo da criança como um processo complexo envolvendo fatores biológicos, sociais e educacionais.

Acredito ser bastante relevante a abordagem vygostiana para analisar a dimensão social da formação educacional do indivíduo como um instrumento fundamental no processo de socialização e aprendizagem na Educação Infantil, entendendo o professor como um transformador social e um elemento fundamental na formação geral da sociedade.

Espero que esta pesquisa possa contribuir para discussão sobre as práticas pedagógicas nas instituições de educação infantil e instrumentalize o professor conhecer mais sobre a expressão gráfica das crianças no seu fazer pedagógico.

2.PERCURSO TEÓRICO

2.1-DESENHO – PRIMEIRAS DESCOBERTAS

Neste capítulo será apresentado os referenciais teóricos a pesquisa. Iniciamos tratando de uma perspectiva histórica do estudo do desenho da criança apresentando um resumo a partir do texto de Rosa Iavelberg (2013) que apresenta alguns dos estudiosos importantes sobre o tema, iniciando por Luquet, Lowenfeld e Vigotski.

Por fim apresento a definição de Iavelberg construiu de desenho cultivado, chave para analisar e compreender o lugar do desenho como produção cultural da criança.

LUQUET

George-Henri Luquet (1969), não considera a cultura da criança e acredita que o realismo é uma “tendência natural da representação gráfica, pela escolha de motivos e também pelos seus fins” (IAVERBERG,2013,p.37).

Segundo IAVERBERG (2013), Luquet defende a idéia de que a criança não se preocupa com a perfeição dos seus desenhos. Para ele o desenho tem “finalidade sem fim”, é autotélico, não tem funcionalidade pratica.

Baseada nos estudos deste autor verifiquei que ele estabeleceu quatro fases do desenho na qual ele considera o realismo como tendência natural da representação gráfica. O desenho realista encontra lugar privilegiado na atenção do adulto. Para efeito de melhor compreensão, veremos os estágios e suas características.

Realismo fortuito:

Estágio inicial do desenho, a característica principal desta fase o “prazer”, segundo o autor a criança nesta fase desenha por imitação e repete por prazer. Do fazer involuntário, a criança passa para intencionalidade. “Para Luquet, esse fazer consolida-se como desenho propriamente dito, regido por: intenção, execução e interpretação segundo a intenção”. (IAVELBERG, 2013,p.38)

Realismo Fracassado:

Na realização dos desenhos a criança tenta ser realista (a meta do desenvolvimento infantil é expressar sempre o real). Luquet, chama de realismo fracassado quando esta tentativa encontra obstáculos: físico, deficiência na execução; e psíquico, descontinuidade da atenção ou incapacidade sintética.

Realismo Intelectual

A criança supera os obstáculos e seu desenho passa a ser realista, apresentando detalhes, reproduzindo não só o que vê do objeto, mas tudo que ali existe e não é visto.

Algumas características do desenho nesta fase do realismo intelectual de Luquet são conhecidas por: “rebatimento, transparência, planificação e mudança de ponto de vista” (IAVELBERG,2013,p.39).

Realismo Visual

Neste estágio, segundo Luquet , se consolida todos os outros estágios.

VIKTOR LOWENFELD

Viktor Lowenfeld (1976), também trata a questão da representação da realidade no desenho infantil quando estabelece diferentes etapas evolutivas como um reflexo do desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. Conforme as crianças se relacionam estreitamente com o mundo ao seu redor, vão evoluindo nos seus desenhos.

Garatuja

Com 18 meses de idade a criança desenha sem objetivo. Sua intenção ao rabiscar não é de escrever ou desenhar. Os desenhos exprimem uma orientação estritamente psicomotora.

Pré-esquemática

Nesta etapa a criança segue o gesto com o olhar e controla visualmente o traçado: a figura circular e o progressivo fechamento das linhas vão constituir o alvo do seu trabalho plástico. A nomeação do objeto desenhado estabelece um paralelo entre a linguagem verbal e a forma plástica. O círculo é a base da constituição da figura humana, que a criança, a partir dos 3 anos, procura representar. Aparece então o girino: um círculo

fechado de onde irradiam traços correspondentes ao esquema corporal – braços, pernas, olhos, depois a boca, o nariz, as orelhas.

Esquemática

As crianças já conseguem fazer relações ao seu ambiente sociocultural e progressivamente vão escrever formas mais convencionais de representação de mundo: o sol, as nuvens, a casa e outros elementos do espaço que a rodeia.

A figura humana tende a verticalizar-se, a incorporar sinais anatômicos mais distintos, a cabeça e o corpo constituem de forma progressivamente agregada, assumindo proporções.

Realista

Nesta última fase, as figuras convencionais da casa e do sol e a representação proporcional e agregada do corpo humana são usualmente realizadas pelas crianças aos 5-6 anos. Para Gardner (1980) “ é a idade de ouro do desenho da criança”.

Lowenfeld (1976), caracteriza esta fase como idade da “turma”, as crianças passam a valorizar o coletivo, reconhecendo-se como integrante de uma sociedade.

Acompanhando os estudos de Luquet e Lowenfeld demonstram que a criança tem uma forma peculiar de expressar aquilo que veem. A criança não figura um objeto da mesma forma que o adulto ela o faz de acordo com sua fase de desenvolvimento.

Acompanhando o desenvolvimento intelectual das crianças, está o modo de figurar a realidade, o que, de uma forma ou de outra, é considerado nas apresentações dos autores aqui citados, quando falam em “etapas”, “fases” da evolução do desenho.

As descrições dos autores se fazem pelos caminhos da experiência, da significação, explicitados por uma linha maturacionista, em que a evolução da figuração é marcada por etapas indicativas do comportamento da criança.

Contudo, as afirmações dos autores citados são marcadas pela ausência de explicação quanto à constituição do saber apresentado no desenho.

Neste movimento de descobertas, continuei minha pesquisa bibliográfica e optei por buscar respostas nas concepções da psicologia histórico-cultural.

2.2- O DESENHO E IMAGINAÇÃO

Encontrei nesta perspectiva teórica elementos para compreensão a respeito da constituição do conhecimento, da figuração e imaginação infantil. Uma outra forma de interpretar o desenho, considerando a criança um ser social e interativo.

A abordagem vygotskyana em sua teoria histórico-social acerca dos processos de desenvolvimento sócio-cognitivo infantil direcionará este capítulo do percurso teórico deste trabalho.

Em sua obra *Imaginación y el arte em la infância*, Vygostsk (1987) analisa e explica questões referentes ao desenho infantil. Segundo o autor a imaginação é um produto social que é constituído pela palavra, em se tratando do desenho da criança que se reflete na figuração. A figuração da fantasia é uma peculiaridade da criança que resulta de um processo de interpretação do ambiente cultural.

A imaginação cria da realidade uma outra realidade resultante de um processo criador que no mundo infantil se reflete nas brincadeiras, nos jogos e também no desenho. Quando uma criança desenha, ela cria figurações para representar os objetos que tem sentido para ela.

Quando a criança imagina, ela está desenvolvendo uma atividade mental diretamente ligada a realidade significativa. A criança, quando figura sua imaginação, projeta sua realidade constituída por seus significados.

Na educação infantil, quando a criança está em um processo intenso de relação com o outro e os objetos de seu mundo, amplia sua consciência sobre a realidade na qual está inserida, apropriado e dominando os símbolos e os significados de sua cultura.

O desenho é uma das formas que a criança utiliza para se apropriar da realidade e permite a imaginação fluir sobre os objetos reais. A figuração representada pelo desenho é dotada de significação e, como produto de uma atividade mental da criança, reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual. O ambiente cultural da criança influencia diretamente na criação e imaginação. A ampliação das relações intersubjetivas e culturais aumentam o repertório de imagens mentais.

A imaginação, realidade cotidiana e figuração, mediadas pela palavra, fazem parte de todo processo que compõem o desenho daquilo que a criança conhece. Desta forma é

necessário então entender como se ocorre a constituição do conhecimento. Continuando, coloco em evidência a relação entre desenvolvimento e aprendizado, pois sem essa interação, a mera consideração sobre o aprendizado torna-se vazia, pois não irá se ancorar em processos reais.

É por meio de processos materiais que acontecem fenômenos como a comunicação, a cognição e o simbolismo.

Na escola o aprendizado deve ser combinado ao grau de desenvolvimento da criança e para que isso aconteça em termos práticos, mas de um modo teoricamente bem fundamentado, Vygotsky cria o conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal*.

A zona de desenvolvimento proximal prevê o que a criança poderá desempenhar sozinha. Em suma, aquilo que ela faz acompanhada hoje é aquilo que ela fará sozinha amanhã. O conceito demonstra que o intelecto se desenvolve por meio de transformações contínuas produzidas por processos de maturação. Quando um processo finda e amadurece, outro estará por iniciar-se e maturar. A zona de desenvolvimento proximal desperta capacidades de aprendizagem e desenvolvimento, e desse modo, o desenvolvimento intelectual se põe em movimento, num processo dialético. Esse espaço potencial entre a habilidade maturada e a habilidade em maturação mostra que o desenvolvimento é intrínseco ao aprendizado. O desenvolvimento é gradativo, portanto. A criança utiliza inicialmente a fala para comunicar-se com o meio social externo e posteriormente interioriza a fala, que se transforma em discurso interno que age na organização do pensamento e do comportamento.

É de suma importância para o educador o conhecimento de processos como a internalização de conhecimentos externos mediante a capacidade das crianças, e para isso trouxemos à tona o conceito de zona de desenvolvimento proximal, demonstrando que o desenvolvimento é um processo histórico complexo e gradativo, em que um processo leva a outro de maneira contínua e intrincada.

Este trabalho possui uma orientação declaradamente vygotskyana por entender que os processos de desenvolvimento sócio-cognitivos são processos sociais, ou seja, produtos da produção social e da história.

Nessa teia de acontecimentos e processos históricos, a ludicidade possui um valor inestimável para o desenvolvimento infantil. Através do brinquedo a criança passa a imaginar novas situações, vai além do mundo dos objetos que se apresentam imediatamente à sua percepção e começa a jornada de desenvolvimento do pensamento abstrato, da lógica e do pensamento analítico.

2.3- O DESENHO CULTIVADO

O desenho cultivado é uma concepção contemporânea que inclui o que a criança observa de imagens no seu entorno e enquanto observa enquanto faz seu desenho e também de seus colegas. Esta concepção foi criada pela arte-educadora Rosa Iavelberg como resultado de uma pesquisa desenvolvida em 1993. Neste estudo a autora valoriza a intervenção pedagógica e ressalta a importância do professor promover momentos de produção, mas também de fruição para ampliar o olhar crítico da criança. Para ela as crianças com oportunidades de refletir sobre o desenho que é produzido na escola melhoram suas produções gráficas.

Em seu livro “O desenho Cultivado” (2006) a autora faz um estudo comparativo das abordagens sobre o desenho desde a escola tradicional até a contemporaneidade contextualizando as mudanças de concepções sobre o desenho.

Para a autora o desenho cultivado é fruto de um percurso de expressão da criança onde a escola pode contribuir e estimular a criança através de propostas que alimentam visualmente suas produções através de obras de arte de boa qualidade. Segundo Iavelberg (1993), a criança não deve ficar sempre fazendo desenhos espontâneos mas deverá produzir a partir de propostas feitas pelos professores.

A escola é um local privilegiado do desenho, visto que neste espaço as crianças interagem com situações socioculturais diversas que possibilitam novas experiências nas ações de desenho. Assim a autora considera o “desenho cultivado” em contraposição ao desenho espontâneo, para ela o desenho em seu processo recebe influências da cultura. “ A criança não faz réplicas de modelos de desenho do meio e sim os assimila aos seus esquemas para deles fazer uso criador” (IAVELBERG, 1995, p.6).

O conceito de desenho cultivado (IAVELBERG,2006,p.12) “engloba a capacidade construtiva e expressiva do desenhista que se alimenta e pode ser orientado na aprendizagem em diferentes contextos além da escola”. De acordo com a autora o desenhista parte de menos saber artístico para mais saber artístico.

Para Iavelberg (2010) é possível promover a aprendizagem significativa quando se faz arte, lê-se arte e situa-se a produção histórica e cultural da arte. Ela defende a ideia de que arte se aprende, e a escola é um lugar para esta aprendizagem. Para ela na arte infantil, a influência da cultura se apresenta os materiais que são oferecidos, nos suportes, no tempo e espaço, nos padrões culturais vigentes, nas técnicas disponíveis, nas orientações didáticas e também aos meios e suportes.

Em seu livro o “ O desenho cultivado da criança” a autora dedica alguns capítulos para sugerir contextos de aprendizagem como: oficinas de percurso criador, roda de leitura de desenhos e outras atividades interessantes, na qual o ensino da arte seja planejado com objetivo de alimentar o processo criador das produções gráficas.

É muito relevante as concepções desta renomada arte-educadora, ela nos ajuda a refletir a respeito da importância dos professores possibilitarem aos seus alunos diversas situações de desenho para que ampliem suas produções. Esclarece também sobre desafiar os alunos a desenharem, praticando e experimentando.

2.4 - DESENHO E CULTURA DE PARES

A Sociologia da Infância poderia me dar algumas respostas ou mesmo validar minhas observações sobre a socialização e interação das crianças durante a atividade de desenhar na sala de aula. Nesta direção considero relevante trazer aqui Willian Corsaro, responsável, por realizar pesquisas no campo da sociologia da infância que embasam a existência de uma cultura infantil, a qual ele denomina “ cultura de pares”.

Corsaro (1997,2003) nomeia de cultura de pares a cultura infantil que tem como características o caráter coletivo, considerando que nas atividades coletivas as crianças transmitem um repertório cultural próprio da infância. Segundo o autor, as crianças são sujeitos ativos, partícipes das rotinas culturais do ambiente social a qual estão inseridas se apropriam de elementos e reinterpreta-os.

Para Sarmiento (2011) “os desenhos são artefatos culturais da geração infantil”, segundo este autor nos desenhos das crianças podemos observar vários traços culturais e níveis de socialização: familiar, escolar, local, nacional e a nível global representada pela mídia e indústria cultural.

Continuando na abordagem sociológica, outra contribuição importante para meu estudo se deve a Márcia Gobbi(1997), em sua pesquisa buscou conhecer a relação entre desenhos e o ato de desenhar, numa conjugação entre o desenho e a fala. Para Gobbi (1997) o desenho é um artefato cultural, carregados de aspectos sociais e culturais.

Seguindo esta linha de observação busquei focar minha atenção no que as crianças conversavam no momento em que estavam desenhando. Estes momentos resultaram em registros de conversas entre as crianças durante o processo de criação e também um olhar mais atento e investigativo nos momentos de desenhos livres ou intencionais.

Algumas crianças dialogavam consigo mesmas (falando, em voz alta, enquanto desenhavam) e com os colegas, compartilhando o momento da produção. Nesta interação o desenho passa a ser coletivo sendo possível identificar cores e formas comuns e os desenhos se parecem. Apesar de cada criança desenhar em seu suporte individualmente, o desenho tem uma autoria coletiva, característica das culturas da infância: a interação e comunicação entre os pares.

2.5- O DESENHO E O BRINCAR

De acordo com Sarmiento (2011,pg.60) “O desenho, afinal, é a expressão de uma das coisas que as crianças fazem de mais sério: brincar”. Em seu mundo do faz de conta a criança atribui significado as coisas e ao desenhar imagina representar a realidade, articulando situações e figuras às cores e formas.

Na minha atuação como professora de crianças pequenas por várias vezes pude ouvir a pergunta: - professora, posso brincar de desenhar? Eu nunca tinha pensado desta forma. Porém, durante minha investigação para realização deste trabalho descobri que alguns estudos da Sociologia da Infância, consideram o desenho como um jogo de faz de conta.

Só é possível observar este movimento de brincadeira de “desenhar” quando passamos a considerar o processo de realização do desenho. Enquanto desenha, a criança verbaliza e faz referências as figuras e motivos inscritos no papel. De acordo com Vygotsk (1998,p.28) “enquanto a criança desenha, pensa no objeto da sua imaginação como se estivesse falando do mesmo”), portanto desenhar é uma brincadeira de “faz de conta”.

O desenho segue a imaginação infantil assemelhando-se as brincadeiras de faz e conta, integrando a criança a sua visão de mundo e contribui para que ela dê significado as coisas. Nas situações de faz de conta relacionadas à atividade de desenhar as crianças muitas das vezes criam personagens e cenas baseadas em suas vivências cotidianas.

Numa dimensão simbólica, da mesma forma que a criança brinca com personagens que ela imagina, ela também desenha o que ela conhece dos objetos independente de sua concretização real. Brincar e desenhar são ações que surgem das ideias e não dos objetos, criando uma relação entre o pensamento e o real, mediada pela atividade simbólica.

O faz de conta é bastante recorrente quando solicitamos as crianças que façam a narrativa de sua produção gráfica. Na maioria das vezes ela vai contar uma história que ultrapassa os elementos representados no suporte, embasadas nos episódios vividos por ela ou mesmo situações fantásticas, criadas no momento em que está desenhando.

3. PERCURSO INVESTIGATIVO

Agosto de 2018. Iniciando um curso de Especialização em Múltiplas Linguagens da Educação Infantil. Já havia me candidatado em outras edições sem sucesso. Desta vez eu estava de volta a uma sala de aula como aluna. Ansiosa e cheia de expectativas. Afinal era um desejo respirar os ares da academia.

Logo na primeira aula enfrentei meu primeiro desafio. Foi surpreendente ter que responder à pergunta sobre o tema de interesse. Como ainda não tinha pensado sobre isto, minha resposta tomou a direção de uma vivência pessoal inspirada na Pedagogia Waldorf. Porém, passei a refletir sobre minha prática pedagógica e sobre minhas inquietações enquanto professora de crianças pequenas, desta forma me encontrei no tema Desenho Infantil.

É através do desenho que a criança pequena se expressa e se expõe. Os desenhos sempre me encantaram, mas também sempre me fizeram pensar sobre a indiferença de alguns professores com as obras das crianças. Guardando nos armários para depois descartarem em momento oportuno.

Pronto. Estava então definido o tema que iria me dedicar. Partí então para as leituras. Em uma primeira busca por artigos acadêmicos encontrei alguns trabalhos e me dediquei em lê-los. Quanto mais eu lia, mais me confundia.

Descobri que muitos autores trataram de estudar o desenho infantil. As pesquisas seguiam abordagens nos campos da sociologia, da psicologia e das artes.

Nesta busca de elementos para o trabalho sobre o desenho, comecei a pensar sobre as atividades que poderia desenvolver com meus alunos. A partir de uma matéria sugerida pelo orientador da revista *Avisa Lá*¹ me interessei pelas atividades de interferência e comecei a planejar momentos em que a atividade de desenho tivesse uma intencionalidade, uma intervenção pedagógica.

Fazer interferências gráficas é uma forma de intervenção pedagógica com o objetivo de promover um avanço da criança no processo de desenhar, além de ser uma referência para o percurso criativo dos desenhos.

1 Revista *Avisa Lá* , Edição de 06 de abril de 2001

A ideia inicial era propor desafios para o desenho da figura humana e possibilitar o aprimoramento do desenho. Algumas crianças da minha turma demonstravam um desenvolvimento gráfico bastante rudimentar.

De acordo com Cox (1995, p.37) o desenho da figura humana é uma das primeiras formas que as crianças gostam de desenhar, observei que na maioria dos desenhos livres, das crianças da minha turma, figuravam as famílias, os colegas, a professora ou si mesmo.

Me lembrei que todas as vezes que mostrava um desenho a uma colega da escola sempre havia um comentário sobre a habilidade da criança de conseguir ou não desenhar a figura humana, a qual designavam como consciência corporal.

Ao tentar entender como as crianças começavam a representar a figura humana me deparei com autores que direcionavam seus estudos relacionando a faixa etária da criança ao que ela já conseguia figurar.

As propostas de desenho foram planejadas e explicitadas no plano de ação. Em uma folha A4, eu colava uma gravura sempre recortada pela metade, as vezes cortada horizontalmente ou verticalmente. Ao termino da tarefa as crianças faziam um desenho livre na qual a figura humana estaria inserida.

As observações foram realizadas no 1º semestre do ano de 2019. O registro das ações foi feito através de gravações, vídeos e fotografias das sessões de atividades de desenhos.

A turma de observação, na qual sou também regente, é composta por 25 crianças na faixa etária de 5 anos. As atividades de desenho eram solicitadas para toda a turma, porém as gravações eram realizadas em grupo de 4 crianças que estavam em uma mesma mesinha, que era escolhida aleatoriamente. Desta forma as crianças que estavam na mesma mesa tinham afinidade entre si.

Os grupos observados variavam a cada semana, garantindo a observação de praticamente todas as crianças da turma.

Em casa recortei figuras de crianças e recortei ao meio no sentido vertical colando na folha de papel A4. Preparei uma para cada criança. 25 folhas.

Seguindo a rotina diária, após o lanche, quando retornamos para a sala de aula solicitei a rodinha para conversarmos sobre a atividade. Contei a elas sobre o meu trabalho de pesquisa. Percebi que elas ficaram bastante curiosas sobre o fato da professora “estudar”.

Mostrei as gravuras, distribuí entre as crianças aleatoriamente e solicitei que completassem a figura da criança. Durante a atividade, algumas crianças perguntaram se poderiam “desenhar” no espaço que estava em branco. Deixei livre para que pudessem decidir o cenário.

Nas atividades de interferência fiquei surpresa com alguns desenhos, o esforço das crianças para figurar com riqueza de detalhes, até mesmo os acessórios eram figurados. Durante 4 semanas preparei várias formas de recorte da figura humana para que eles completassem. Metade inferior, metade superior, metade direita, metade esquerda para que fossem completadas. Houve também o momento que eles escolheram as roupas que estavam recortadas para colar na folha e completar a figura humana. Figuras (1) (2) (3) (4)

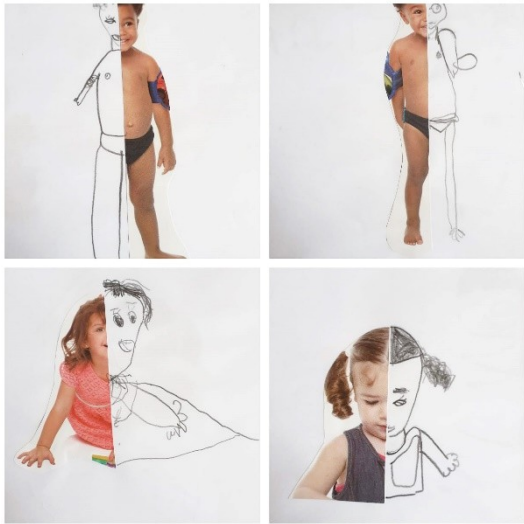


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

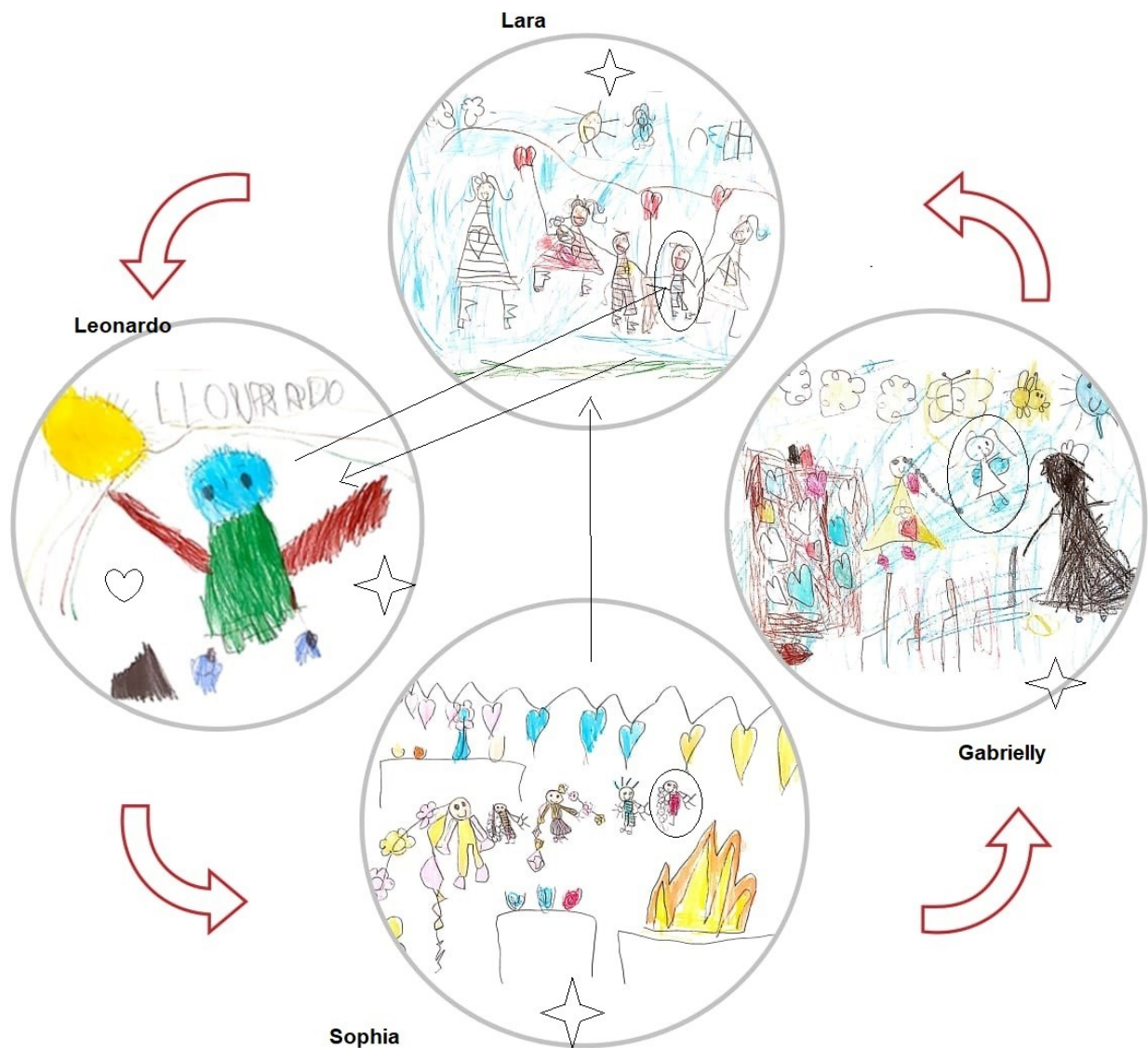
Durante minhas intervenções realizadas em razão da pesquisa me deparei com um novo olhar sobre meu tema de investigação. O fato de ter acompanhado atentamente a realização dos desenhos em sala e aula, por meio de observações e interações com as crianças, possibilitou-me “ver” e “compreender” que a minha inquietação sobre os desenhos infantis ia além da fruição e análise do desenho pronto acabado. O processo era também relevante, os modos de como as crianças interagem entre si e com seus desenhos me conduziram para uma nova linha de pesquisa.

Mudei então o foco e passei a analisar o processo de produção. O que as crianças conversavam enquanto desenhavam? Percebi que a atividade de desenho não é solitária, mesmo que cada criança esteja cada uma com seu suporte elas interagem oportunizando momentos de troca de aprendizagem e influência no desenvolvimento da atividade.

Diante desta nova perspectiva de pesquisa, recorri ao método de gravações das falas das crianças e registrar por meio de fotografias tiradas pelo celular alguns momentos de interação enquanto realizavam seus desenhos, para tentar identificar traços de representações da cultura.

No início as gravações foram feitas utilizando o celular colocado em local não visível pelas crianças de forma que garantisse a espontaneidade das conversas. Após algumas sessões fui conversando com as crianças sobre a pesquisa que estava fazendo sobre os desenhos que elas produziam. Desta forma algumas das gravações foram realizadas com o celular no centro da mesinha.

Na escuta anotei as conversas que considerei relevantes a respeito de materiais utilizados, sobre a narrativa, o processo criador, a interação, a mediação etc. Para registrar as falas optei por não utilizar codinome para as crianças visto que em reunião de pais esclareci aos mesmos sobre o trabalho de pesquisa, onde na ocasião assinaram a autorização de imagem.



Legenda:

Desenhando o colega

Narrativa durante o processo de produção ✨

Pedido de ajuda ♡

Desenhando o outro como bebê ○

Proposição 1- MOMENTO DE GRAVAÇÃO DA FALA DAS CRIANÇAS DURANTE O DESENHO LIVRE.

Lara, Gabrielly, Leo e Sophia estão em uma mesma mesinha realizando uma atividade de desenho livre.

Lara - *Olha vc Leo.... (apontando para o seu desenho)*

Leo -*Por que eu sou pequeno e vc é a maior? (com carinho de desapontado)*

Gabrielly -*Aqui Leo. (também chama atenção de Leo para seu desenho)*

Gabrielly -*Vou fazer a Sophia.*

Gabrielly- (apontando para o seu desenho) *O lugar dela é aqui....É bem aqui....Ela vai sentar aqui....*

Leo- *A Lara ?*

Lara – *Não, eu.....Esta daqui.....A mão dela tá aqui....Prontinho*

Gabrielly - *A boneca dela vai sentar bem aqui...Nesta cadeira.*

Sophia - *Olha vc Lara (mostrando seu desenho) vc é neném.*

Lara - *A minha mãe tá levando a gente tá.... este é meu irmão...*

Leo, neste momento está concentrado continua seu desenho cantarolando.... (Vou contar suas patinhas... fica quieta Joaninha....)

Leo - *para de cantar, mostra seu desenho para as colegas e diz : _ O sol é gigante....eu fiz um sol gigante.*

Gabrielly -*Esta daqui é boneca dela*

Lara -*Eu vou fazer minha mãe....A minha está com vestido listrado*

Leo –*Eu não consigo fazer o short... me ajuda.....*

Sophia - *Se vc fazer errado pode fazer no outro lado...Faz no outro lado seu bobo*

Leo- (com carinho triste reclama) *Eu sou burro.*

Sophia -*Não pode falar isso*

Proposição 2 -

Neste momento de desenho livre três crianças (Luara, Carolina e Sophia) na mesma mesinha conversam durante a atividade.

Sofia Silva



Luara



Carolina



Luara- *A Emilly é minha amiga sabia? Ela gosta de mim.*

Luara -*Eu vou fazer a Sofia.*

Carolina- *Fazer o quê?*

Luara- *Fazer a Sophia.*

Carolina - *Pode fazer ela no parquinho.*

Sophia -*Eu tô fazendo o parquinho.*

Luara -*Pode ?*

Carolina - *Pode sim*

Luara - *Olha vc Sophia ... e vc Carol. (mostrando seu desenho)*

Luara – *Olha a gente tem rosa. (pega o lápis de cor e mostra para as colegas)*

Luara -*Vou tentar fazer..... os cabelos... Olha a Maria Chiquinha... Vou fazer boca preta.*

Carolina - *Olha que bonita eu tentei fazer sua roupa (mostrando para Luara)*

Carolina -*Vou fazer de rosa.*

Carolina -*Este é seu cabelo tá?*

Luara -*Vou fazer o cabelo dela de cores*

Sophia -*Passa o vermelho em cima.*

Carolina -*Olha você Sophia*

Luara -*A gente não brigou pelo rosa*

Luara -*Eu adoro cabelo rosa e cabelo vermelho.*

Sophia -*Vou fazer piscina de bolinha e pula-pula....Aqui é o escorregador*

Carolina -*Eu tb vou fazer escorregador...*

Luara -*Uma de cada uma vai no escorregador*

Carolina -*Agora a minhoca*

Luara -*Eu sei fazer um monte de coisa legal*

Nas duas proposições apresentadas, observo que as crianças verbalizam seu pensamento numa clara intenção de comunicar as outras crianças do grupo o que estão desenhando, provocando um movimento de brincadeira no grupo. Cada criança deseja neste momento desenhar o outro. Durante a produção gráfica vão apontando pistas que permitem a ampliação do repertório gráfico de todos do grupo, gerando uma comunicação através de diálogos e narrativas. Nesta interação durante o processo de realização da atividade proposta as crianças sugerem, ajudam, criticam.

4. ANALISE DAS OBSERVAÇÕES DURANTE O MOMENTO DOS DESENHOS.

Minha observação nos momentos de desenhos, individuais e em dupla, foi bastante reveladora a respeito das interações e sobre as culturas infantis. Durante o percurso criador, as crianças comentam sua produção com os colegas do grupo. Assim, percebi que elas organizam seus pensamentos enquanto desenhavam, expressando suas intenções e, também, construindo uma narrativa. A fala, ajuda a criança a organizar o desenho.

A atividade gráfica propicia diversos momentos de mútua cooperação entre as crianças. Uma observa o desenho da outra, compara com o seu e os demais. A criança que “sabe” mostra para a outra que “não sabe” como se deve fazer.

Percebi que as crianças gostam de desenhar o colega que está no grupo e que qualificam abertamente seus próprios desenhos como feios ou bonitos. Avaliam o trabalho do outro, utilizando-se de critérios afetivos (amizade). Os desenhos dos amigos são mais bonitos. Também interferem na sua avaliação o estado de humor no momento.

Além da cooperação e interação, a atividade gráfica propicia diversos momentos de mediação horizontal, ao observar o desenho do colega. A criança tem a oportunidade de sugerir e, também, aceitar sugestões para modificar seu próprio desenho.

Apesar da atividade ser individualizada, cada uma com seu próprio suporte para criação, a produção pode ser considerada coletiva, pois as narrativas direcionam o desenho das crianças, acabando por influenciar o repertório gráfico.

É possível perceber a semelhança dos desenhos das crianças que estão próximas numa mesma mesinha sendo bastante recorrente o mesmo padrão de cores e a mesma temática principal.

Os desenhos das crianças estão carregados de códigos culturais advindos da socialização familiar, das culturas locais, da cultura do país, da cultura escolar e das culturas globais que são reforçadas pela mídia e a indústria cultural.

Finalizado este trabalho deixo registradas, para fruição e reflexão, algumas das produções gráficas das crianças que participaram desta pesquisa.

OS DESENHOS DEMONSTRAM A INFLUÊNCIA DA CULTURA LOCAL E ESCOLAR



Desenho do Bairro onde mora (Alice,5 anos)



Como construir uma biblioteca na nossa sala (Sophia Medeiro, 5 anos)

A PREFERÊNCIA DAS MENINAS E DOS MENINOS



Dinossauros (Bernardo, 5 anos)



Princesa Sofia (Alice, 5 anos)

A INFLUÊNCIA DOS PROGRAMAS DE TV, AS SÉRIES INFANTIS



Super Homem (Leonardo,5 anos)



Lady Bug e Cat Noir (Lara,5 anos)

MOMENTO DE COLABORAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS. A CRIANÇA COM MAIOR HABILIDADE PARA DESENHAR FAZ O DESENHO DA AMIGA.



INFLUÊNCIA DA CULTURA URBANA E FAMILIAR

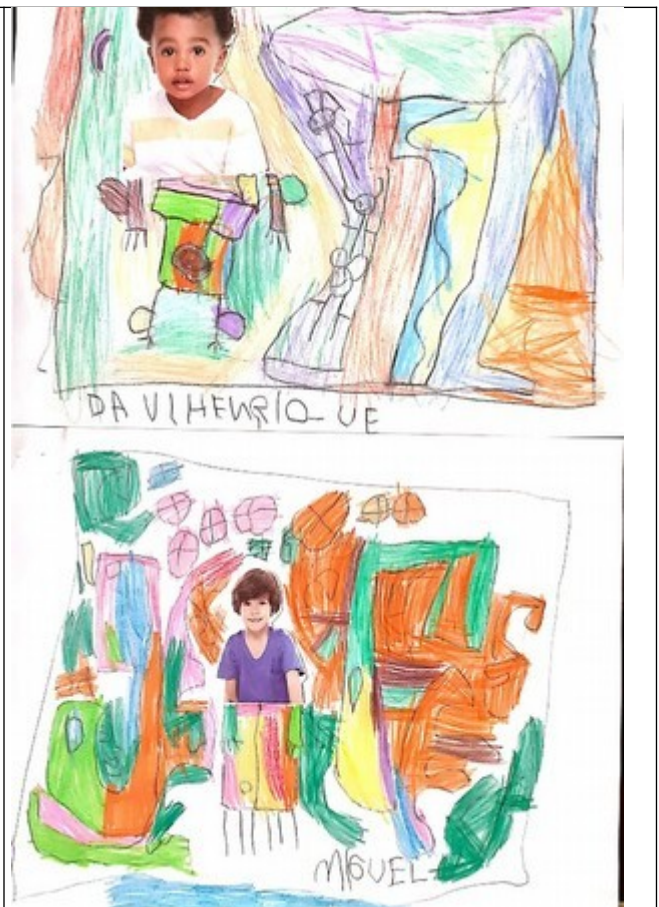


O homem do saco – Leonardo (5 anos)

MESMO PADRÃO GRÁFICO DE CRIANÇAS DESENHANDO NA MESMA MESINHA.

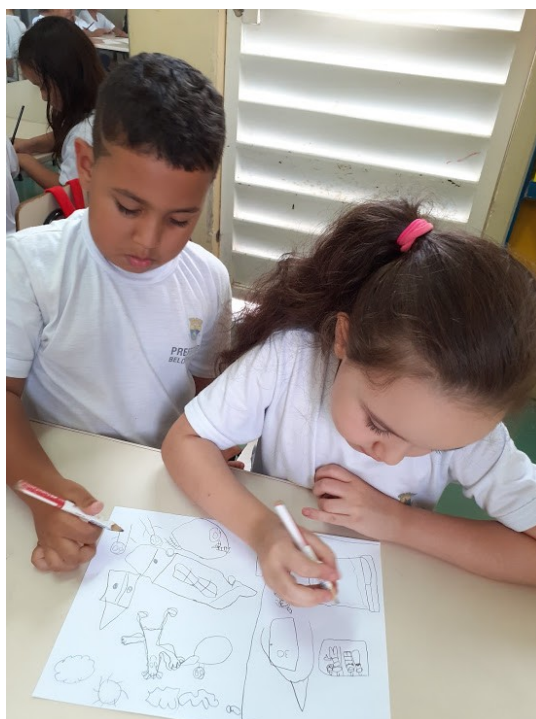


Parquinho-Sophia e Esther (5 anos)



Davi e Miguel – (5 anos)

COMPARTILHANDO A MESMA FOLHA NO MOMENTO DE PRODUÇÃO GRÁFICA.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este trabalho buscando alternativas para ampliar o repertório imagético dos desenhos realizados pelos alunos da minha turma na EMEI Professora Acidália Lott, porém, durante este processo encontrei uma outra possibilidade de pesquisa. Observei que o desenho pronto, como produto acabado, não revelava a riqueza do processo de produção. As crianças enquanto desenhavam, falavam, brincavam e interagem. Enquanto falam vão criando uma narrativa gráfica alimentada pela imaginação.

O processo de produção dos desenhos, observados em razão da pesquisa, revelou-me as influências visuais e culturais que as crianças recebem de diversos contextos sociais. Por meio da imaginação representada no desenho percebi temas recorrentes das mídias (personagens de desenhos animados e filmes), rituais cotidianos (escola, igreja, shopping), situações familiares (desenhos da família e de si mesmo) ou contextos domésticos.

A interação entre as crianças e a ação de desenhar juntos proporciona proximidade afetiva e social, exercitando as negociações, a aceitação, a reciprocidade e a cooperação.

Acredito que a maior contribuição desta pesquisa, para minha formação profissional, foi descobrir que o desenho de uma criança é uma representação simbólica daquilo que ela vive, daquilo que ela sabe, das suas interações, e ainda mais importante, como ela vê o mundo com seus olhos de criança.

Espero que este trabalho abra espaço para um “olhar” mais sensível e um “escutar” mais aguçado, sobre e a partir do desenho das crianças na educação infantil.

6. REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **Ver depois de olhar: a formação do olhar dos para os desenhos de crianças.**São Paulo: Cortez, 2014.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003

COX, Maureen. **Desenho de criança.** São Paulo. Martins Fontes. 1995

GOBBI, Márcia Aparecida. **Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil.** Linhas Críticas, Brasília, DF, v.20, n.41, p.147-165,jan./abr.2014.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança.** In: CAVALCANTI, Porto Alegre: Ed.200 K. 2006.

_____. **Desenho na Educação Infantil: como eu ensino.** São Paulo:Editora Melhoramentos, 2013.

_____. **Para gostar de aprender arte.** São Paulo: Artmed,1997.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Desenho Infantil: questões e práticas polêmicas.**In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Orgs). Infância e produção cultural. Campinas: Papyrus, 1998. (Série Prática Pedagógica). Pag. 131-150.

MÈREDIEU, Florense de. **O desenho infantil.** São Paulo: Cultrix, 1974.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador.** São Paulo: Loyola, 1984.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** 3. ed.São Paulo: Scipione, 1995.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância : os desenhos das crianças como produções simbólicas.** In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs).Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas: Autores associados, 2011. 210p. p 27-60.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1991.

_____. **Imaginação e criação na Infância.** Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática,2009.

